O REI NEGRO

Crônicas do Velho Mundo

Por Kaue Souza de Lima

PRÓLOGO

> *“Dizem que nenhum homem pode escapar da morte. Mas há muito tempo existiu um rei que desafiou esse destino. Seu rosto foi esquecido pelo tempo. Restou apenas um título… Rei Negro.”*

* * *

> *“O mundo teme a luz porque ela revela suas fraquezas. Mas o mundo esquece que a escuridão não julga; ela apenas consome.”*
> *— Crônicas do Velho Mundo.*

Diziam as lendas antigas que, quando o trono de ferro e cinzas ficasse vazio, a noite escolheria seu herdeiro.

Não nascido de reis, não coroado pelo ouro. Um monarca moldado pelo silêncio, batizado na dor e coroado pela própria sombra. Os homens olhavam para o céu em busca de salvadores reluzentes, sem saber que a verdadeira força caminhava por onde o sol não ousava tocar.

O mundo chamaria aquele momento de o início do fim.

But para o menino que agora recebia um nome, era apenas o começo.

CAPÍTULO 1

O Menino das Sombras

Muito antes de ser chamado de Rei Negro… ele não era nada. Nem rei. Nem lenda. Era apenas um garoto sem passado.

Nascido em Baltemor, uma terra esquecida pelo mapa, onde o sol parecia mais fraco e a noite durava mais do que deveria. Um lugar onde os reis não governavam por justiça… mas por medo.

Ele não conheceu os pais. Diziam que tinha sido deixado à porta de um antigo templo, ainda bebê, envolto em panos escuros com um símbolo queimado no tecido — uma marca que ninguém conseguia decifrar. E ninguém quis ficar com ele. Exceto um homem. Um velho ferreiro que já tinha desistido de tudo… menos do passado.

Ele criou-o longe das cidades, longe dos reis, longe das guerras políticas. Numa região de pedra e areia, onde o único som constante era o barulho do martelo contra o metal e o vento a bater contra ruínas antigas. Ali, o garoto aprendeu a sobrevivir antes mesmo de aprender a falar direito.

Não havia brinquedos. Não havia infância. Havia o trabalho na forja.

> *"A dor é o primeiro mestre — dizia o velho. — E quem não aprende com ela… morre cedo."*

Nos primeiros anos, ele carregava carvão, alimentava as chamas e puxava o fole até não sentir os braços. Depois veio o manejo do aço. O velho não ensinava apenas a moldar o metal, mas também a usá-lo para se defender. Martelos pesados primeiro. Depois lâminas brutas. Depois espadas de verdade. Cada erro vinha com um golpe de mestre. Cada falha vinha com o silêncio do carvão a apagar-se. E cada silêncio tornava-o mais forte.

Mas havia algo de estranho nele. Ele não chorava como as outras crianças quando se queimava. Não desistia como os outros aprendizes perante o cansaço. E, às vezes… quando estava sozinho na oficina escura, falava com a noite como se ela respondesse.

O velho ferreiro percebeu isso cedo e decidiu dar um rumo àquele destino sem nome.

— Tu não és como os outros — disse ele um dia, observando o garoto moldar o ferro sob a chuva que entrava pelo teto. — O mundo vai exigir muito de ti, e precisas de algo para carregar. Daqui em diante, teu nome será Kael. Isso pode ser uma bênção… ou uma maldição.

O menino — agora Kael — não respondeu. Só continuou a bater no metal quente. Mais rápido. Mais forte. Mais vazio.

Os anos passaram como ferro a ser forjado no fogo purificador. Até que, um dia, o velho mostrou-lhe algo escondido nos fundos da oficina. Uma porta. Enterrada dentro das ruínas, sob a montanha onde recolhiam o minério.

— Aqui começa o que o mundo esqueceu — disse o velho.

Kael olhou em silêncio. E, pela primeira vez… sentiu algo diferente da rotina do carvão. Curiosidade. Ou destino.

A paz daquele isolamento na forja de Baltemor não duraria para sempre. Quando Kael finalmente atingiu a maioridade, homens poderosos e cruéis encontraram o esconderijo nas ruínas. Eles traziam uma ordem: o velho ferreiro deveria aceitar uma missão para encontrar o lendário Brasão da Imortalidade. Ao recusar se curvar perante eles e para proteger o rapaz, o velho foi brutalmente assassinado.

O garoto não chorou a morte do seu mestre. Em vez disso, o silêncio dentro de Kael tornou-se absoluto.

Agora, homem feito e sem nada a perder, ele recolheu as ferramentas e o aço do seu mentor e partiu. Sua jornada não era mais um aprendizado; era uma caçada. Em vez disso, cruzaria o mundo para encontrar os assassinos e arrancar o Brasão da Imortalidade das

mãos daqueles que tiraram a única coisa que ele tinha. A vingança estava apenas a começar.

CAPÍTULO 2

O Início das Buscas

O sangue do mestre ferreiro ainda manchava o chão da oficina quando o silêncio retornou a Baltemor. Kael não se moveu por longos minutos. Seus olhos estavam fixos no corpo do homem que o havia criado, mas sua mente já estava longe, processando as últimas palavras dos assassinos.

Eles não eram simples saqueadores. Vestiam armaduras pesadas e carregavam o brasão do próprio Rei estampado pelo peito.

Revirando os pertencentes que os soldados deixaram para trás na pressa do confronto, o jovem encontrou um pergaminho lacrado com cera vermelha — o selo real. Ao abri-lo, a verdade veio à tona: o Rei estava gravemente doente, consumido pela velhice, e havia ordenado uma caçada implacável pelo lendário Brasão da Imortalidade. O velho ferreiro era o único que guardava o segredo de como decifrar o mapa que levava ao artefato. Por se recusar a entregar o paradeiro, pagou com a vida.

Kael guardou o pergaminho junto ao peito. O mestre tinha morrido para proteger aquele segredo, e agora a missão era dele.

Não se tratava apenas de vingança. Se o Rei colocasse as mãos no Brasão, seu reinado de opressão e medo se tornaria eterno. Era uma corrida contra o tempo, contra um exército inteiro.

Ele caminhou até os fundos da oficina, pegou a espada de aço bruto que ele mesmo havia ajudado a forjar e prendeu-a às costas. Apagou o fogo da forja pela última vez, deixando o lugar na completa escuridão.

O exército do Rei já estava marchando em direção às ruínas antigas do norte. Ele precisava ser mais rápido. Precisava usar as sombras que sempre o acompanharam para cruzar o território inimigo e encontrar o amuleto primeiro.

A caçada havia começado.

CAPÍTULO 3

Caminhos Cruzados

Dias de viagem se passaram desde que ele deixou as ruínas escuras de Baltemor para trás. Kael movia-se como uma sombra pelas florestas que cercavam as estradas reais, evitando as patrulhas dos soldados que avançavam rumo ao norte.

Foi no cair de uma noite chuvosa que o destino dele mudou.

Escondido entre os arbustos perto de uma velha rota de comércio, ele avistou movimento. Uma jovem avançava trôpega pela lama, exausta, mas com os olhos cheios de pura determinação. Suas roupas estavam rasgadas e ela trazia marcas de correntes nos pulsos: marcas das masmorras reais. Ela havia acabado de escapar de uma das prisões mais brutais do Rei.

Kael manteve a mão no cabo da espada, observando de longe. Mas quando ouviu o som de cavalos e tochas se aproximando na floresta — a guarda do Rei caçando a fugitiva —, ele soube o que tinha que fazer. Sem fazer barulho, ele surgiu das sombras ao lado dela, puxou-a para trás de uma rocha enorme e cobriu sua boca com a mão. Os soldados passaram direto, as tochas sumindo na escuridão da tempestade.

Horas depois, abrigados no fundo de uma caverna seca e escondida, os dois compartilhavam o calor de uma fogueira baixa. A jovem, que se apresentou como Maya, olhava desconfiada para a espada rústica e para o silêncio pesado do rapaz.

— Por que me ajudou? — ela perguntou, quebrando o silêncio. — Ninguém desafia os soldados do Rei sem um bom motivo. Quem é você?

O rapaz olhou para as brasas da fogueira. O estalar da madeira queimando trouxe de volta o som do martelo na forja. Pela primeira vez em dias, ele falou, e sua voz trouxe à tona a memória que o guiava:

— Meu nome é Kael. E eu procuro o que o Rei quer. O Brasão da Imortalidade — respondeu ele, encarando-a.

Maya recuou um passo, os olhos arregalados de horror. Como alguém que tinha acabado de fugir das prisões reais, ela conhecia bem a obsessão da coroa.

— Meu mestre me contava histórias sobre isso quando eu era criança na forja — continuou Kael, a mente mergulhando no passado. — *“Ouça bem, Kael”*, dizia o velho ferreiro, enquanto moldava o ferro quente. *“O Brasão da Imortalidade não foi feito por mãos humanas. Ele surgiu do núcleo de uma estrela que caiu quando o primeiro mundo ruiu. Dizem que quem o possuir nunca conhecerá o fim, mas o preço é o esquecimento de quem você foi. O primeiro rei que o usou tornou-se um deus, mas o mundo apodreceu sob seus pés. A imortalidade é uma coroa que apenas um tirano desejaria usar.”*

Ele voltou o olhar para Maya.

— O Rei descobriu que meu mestre sabia o caminho. Ele mandou seus homens, arrancou o segredo e matou a única pessoa que eu tinha. Eu não quero o poder daquela estrela... mas eu vou caçar cada um daqueles assassinos e vou garantir que o Rei nunca coloque as mãos no Brasão. Essa é a minha busca.

Maya olhou para as correntes partidas em seus próprios pulsos, depois para a determinação sombria nos olhos do rapaz. Ela percebeu que o destino tinha cruzado seus caminhos por uma razão. O garoto das sombras e a fugitiva das masmorras agora tinham o mesmo inimigo.

A noite estava fria, mas dentro daquela caverna, a chama da rebelião havia sido acesa.

CAPÍTULO 4

O Engenheiro das Ruínas

O amanhecer trouxe uma névoa densa que cobria as árvores, o que ajudou Kael e Maya a se moverem sem chamar a atenção das patrulhas reais. Enquanto caminhavam por trilhas escondidas que apenas os fugitivos conheciam, Maya explicou o plano.

— Se queremos chegar ao Brasão antes do exército do Rei, precisamos de mapas melhores e de algo que nos ajude a decifrar o caminho — disse ela, saltando por cima de um tronco caído. — Meu pai pode nos ajudar. Ele é um inventor... ou era, até os soldados destruírem a nossa oficina e me levarem para as masmorras. Ele conseguiu se esconder nas antigas ruínas mecânicas na fronteira de Baltemor. Se há alguém vivo que entende de relíquias antigas e da engenharia do Brasão, é ele.

Kael apenas assentiu, mantendo a mão firme no cabo da espada de aço bruto. Ele sabia que precisavam de toda a ajuda possível.

Depois de horas de caminhada, eles chegam a uma imensa estrutura de pedra soterrada pela vegetação. Era uma antiga fábrica abandonada de uma era esquecida. Maya guiou Kael por entre engrenagens gigantescas de bronze até parar diante de uma parede de metal maciço. Ela bateu uma sequência específica de quatro toques.

A parede rangeu. Um vão se abriu, revelando um laboratório subterrâneo iluminado por lâmpadas de óleo e cheio de plantas, protótipos de metal e ferramentas espalhadas por toda parte.

No centro da sala, um homem de cabelos brancos e mãos sujas de graxa ergueu os olhos. Ao ver Maya, as ferramentas caíram de suas mãos, produzindo um eco metálico.

— Maya! Minha filha... você escapou! — o velho correu e a abraçou com força, as lágrimas limpando a fuligem de seu rosto.

Quando ele se afastou, seus olhos analíticos e cansados pousaram imediatamente sobre o rapaz de olhar sombrio que observava tudo da entrada.

— Quem é ele? E por que carrega uma lâmina de Baltemor? — perguntou o inventor, estreitando os olhos.

— Ele me salvou dos guardas, pai. O nome dele é Kael, e ele está caçando os mesmos homens que destruíram a nossa casa — explicou Maya, puxando-o para perto. — Ele sabe sobre o Brasão da Imortalidade. O Rei matou o mestre dele por causa disso.

O rosto do inventor empalideceu ao ouvir o nome do artefato. Ele caminhou até uma mesa cheia de pergaminhos velhos e bateu com a mão sobre um mapa astrológico.

— O Brasão... então o velho tirano finalmente descobriu onde ele está escondido — murmurou o inventor, com a voz trêmula. — Eu passei anos estudando os fragmentos daquela estrela caída, Kael. O que o seu mestre te contou é verdade, mas há algo pior. O Brasão não é apenas um amuleto que você coloca no pescoço. É um mecanismo vivo. Exige uma chave estelar para ser ativado, e o templo onde ele repousa é protegido por armadilhas mecânicas que reduzem qualquer exército a pó.

O inventor olhou profundamente nos olhos do jovem ferreiro.

— O exército do Rei tem a força bruta, mas eles vão morrer tentando abrir os portões do templo. Se vocês querem chegar lá primeiro e sobreviver, vão precisar de engenharia. E vão precisar de armas melhores do que esse aço bruto.

Kael deu um passo à frente, retirando o pergaminho com o selo real que havia roubado dos assassinos e colocando-o sobre a mesa do inventor.

— Então decifre isso para nós — disse ele, com a voz firme. — E nós faremos o resto.

CAPÍTULO 5

Entre a Vida e a Morte

Com o mapa do inventor decifrado e algumas melhorias mecânicas em seus equipamentos, o grupo partiu antes do amanhecer. O caminho em direção ao templo da estrela caída corta um desfiladeiro rochoso e perigoso, cercado por penhascos. O inventor, apesar da idade, insistiu em ir junto; ele sabia que sem seu conhecimento sobre os mecanismos, os jovens não passariam do portão principal.

Eles avançavam em silêncio quando o som ecoou: o tropel pesado de cascos contra a pedra.

— Cavaleiros reais! — Maya sussurrou, puxando o pai para trás de uma rocha.

Uma patrulha de elite, vestindo armaduras negras e pesadas, bloqueava a saída do desfiladeiro. Kael desembainhou sua espada de aço bruto, os olhos brilhando com a fúria da vingança. O combate foi brutal. Usando as sombras e os relevos do terreno a seu favor, o jovem moveu-se como um fantasma, desferindo golpes precisos que derrubavam os cavaleiros um a um. Maya dava cobertura com agilidade, enquanto o inventor usava pequenas distrações mecânicas para desorientar os inimigos.

O chão estava coberto de armaduras caídas. Kael ofegava, limpando o sangue da lâmina. A luta parecia ganha.

Mas, escondido no topo de uma colina, o último cavaleiro real sobrevivente ergueu um arco pesado. O som da corda esticando foi abafado pelo vento.

O disparo foi cirúrgico. A flecha cruzou o ar e atingiu Kael diretamente nas costelas. O impacto o jogou para trás. O aço da ponta rasgou a carne e o mundo ao redor dele começou a perder o som. Ele desabou no chão gélido, a visão escurecendo enquanto ouvia,

ao longe, os gritos desesperados de Maya e o som da última criatura inimiga sendo derrubada.

Então, o desfiladeiro sumiu. O frio da floresta desapareceu, substituído por um calor reconfortante e o cheiro familiar de carvão e ferro queimado.

Kael abriu os olhos e se viu de volta à oficina de Baltemor. As ferramentas estavam no lugar. Diante da bigorna, de costas para ele, estava o velho ferreiro, batendo o martelo contra uma peça incandescente.

— Mestre? — a voz dele saiu fraca, como a de uma criança.

O velho parou o martelo. Ele não se virou imediatamente, mas sua voz ecoou pesada e acolhedora pelas paredes da oficina:

— Você está forjando a sua própria lâmina muito cedo, Kael. E o aço que não passa pelo tempo certo de resfriamento acaba quebrando.

— Eles me pegaram... — Kael deu um passo à frente, olhando para as próprias mãos, que não tinham sangue. — Eu falhei com o senhor. Eu não consegui deter os cavaleiros, eles estão perto do Brasão.

O mestre finalmente se virou. Seu rosto expressava uma calma profunda, sem a dor do dia em que partiu. Ele caminhou até o jovem e colocou a mão pesada e calejada em seu ombro.

— A morte é apenas o metal esperando para ser fundido novamente, mas o seu fogo ainda não se apagou. Você não falhou. Olhe para trás, para o caminho que percorreu. Você não está mais sozinho.

— O Rei tem um exército, mestre. Eu sou apenas uma sombra contra um império.

O velho sorriu de canto, os olhos brilhando sob a luz das brasas.

— Uma sombra é o suficiente para cobrir o sol se ela for grande o bastante. O Brasão da Imortalidade busca os gananciosos, mas o que você carrega no peito é a justiça.

Não lute pelo ódio contra o Rei, lute pelo amor ao mundo que ele quer destruir. Acorde, Kael. O ferro precisa suportar o martelo para virar uma espada. Aguente a dor.

A imagem da oficina começou a se desfazer em fumaça preta. O som do martelo foi substituído pelo estalar de uma fogueira real.

Kael deu um suspiro profundo, tossindo, e abriu os olhos abruptamente. A dor na lateral do seu corpo era insuportável, fazendo-o gemer.

Ele estava deitado sobre um leito de folhas secas, no fundo de uma caverna escura e protegida. A flecha havia sido removida, e seu peito estava firmemente enfaixado com tecidos limpos e ervas medicinais que exalavam um cheiro forte.

Ao seu lado, Maya limpava o suor de sua testa com um pano úmido, os olhos vermelhos de preocupação, enquanto o inventor alimentava o fogo da fogueira em silêncio, vigiando a entrada da caverna.

— Ele acordou! Pai, ele acordou! — Maya exclamou, segurando a mão de Kael.

Ele olhou para o teto da caverna, sentindo o coração bater forte contra as costelas enfaixadas. A visão do mestre ainda ecoava em sua mente. Ele quase havia tocado a morte, mas agora, mais do que nunca, ele sabia exatamente o que precisava fazer.

A busca continuava.

CAPÍTULO 6

O Enigma da Luz

Apesar dos protestos de Maya e dos avisos do inventor sobre a gravidade do seu ferimento, Kael se apoiou na parede de pedra da caverna e se levantou. Cada movimento parecia um corte profundo em suas costelas, mas a determinação em seus olhos era inabalável. Em seguida, prendeu a espada de aço bruto de volta à cintura. Eles não tinham tempo a perder; cada minuto parado era um minuto a mais que o Rei avançava.

Eles retomaram a marcha, avançando com cautela pelos caminhos tortuosos até que, finalmente, o desfiladeiro se abriu. Diante deles, cravada no coração da montanha, erguia-se uma fortaleza colossal e antiga, cujas muralhas de pedra negra pareciam fundidas com a própria rocha.

O inventor puxou o mapa e o estendeu sobre uma pedra, analisando-o sob a luz fraca da manhã. Ele franziu a testa, confuso.

— Há algo errado — murmurou o velho, batendo com o dedo no pergaminho. — O mapa do seu mestre e os meus registros terminam exatamente aqui. Esta fortaleza é o fim da linha no papel. Não há indicações de túneis, passagens ou estradas que sigam adiante.

Maya caminhou até os portões imensos de ferro da fortaleza, mas eles estavam completamente selados, sem nenhuma fechadura ou maçaneta visível. Parecia um beco sem saída.

Kael deu alguns passos para trás, ignorando a pontada de dor no peito. Ele olhou para cima, observando a arquitetura imponente da construção. A fortaleza tinha uma série de janelas altas, feitas de um cristal antigo e polido, dispostas em um semicírculo perfeito no topo da estrutura.

Ele olhou para o céu. O sol estava prestes a atingir o seu ponto mais alto. Naquele momento, as palavras do inventor sobre o Brasão ser um "mecanismo vivo" e as lendas sobre a "estrela caída" ecoaram em sua mente. Não era uma questão de força bruta, era uma questão de precisão.

— Não é no chão que está a resposta — disse Kael, com a voz firme. — É no céu.

Ele caminhou pelo pátio de pedra, calculando os passos e observando o reflexo das paredes. Ele se posicionou no centro exato do pátio, alterando seu ponto de vista até achar o ângulo perfeito, onde o alinhamento das janelas de cristal parecia criar um padrão geométrico.

No instante em que o sol atingiu o zênite, os raios solares atravessaram os cristais das janelas superiores em um ângulo cirúrgico. Os cristais funcionaram como prismas gigantescos, concentrando a luz do sol em feixes dourados e intensos.

Em vez de apenas iluminar o ambiente, os feixes de luz cruzaram o ar e atingiram uma enorme parede de rocha lisa nos fundos da fortaleza. Sob o calor e a intensidade daquela luz concentrada, runas antigas que estavam invisíveis a olho nu começaram a brilhar em um tom azul-celeste, revelando o desenho de um caminho detalhado que rasgava as montanhas do norte. O mapa de luz apontava para as coordenadas exatas de onde o Brasão da Imortalidade estava escondido.

— Incrível... — sussurrou o inventor, ajustando os óculos, fascinado pela engenharia do passado. — Eles usaram a rota do sol para esconder o caminho real.

Maya sorriu, olhando para Kael.

— Nós conseguimos. O exército do Rei pode ter homens e armas, mas nós temos o caminho exato.

Kael assentiu, memorizando o mapa de luz antes que o sol mudasse de posição e as runas desaparecessem novamente. O verdadeiro desafio estava logo adiante, e eles estavam mais perto do que nunca.

CAPÍTULO 7

A Escadaria dos Deuses

Seguindo a rota revelada pelo enigma da luz, o grupo avançou sem descanso pelas montanhas geladas do norte. O frio cortava a pele, e o ar ficava cada vez mais rarefeito, até que eles se deparam com uma visão inacreditável: uma enorme escadaria gigante, esculpida na própria lateral do pico mais alto, estendendo-se em direção às nuvens. Cada degrau era do tamanho de um homem, exigindo um esforço monumental para subir.

Eles começaram a subida silenciosa, mas, na metade do caminho, a montanha tremeu.

Rochas imensas começaram a se mover e a se juntar no topo da escadaria. Em poucos segundos, os blocos de pedra formaram um Golem Protetor colossal. Seus olhos brilhavam com uma energia azul-celeste antiga, e seus punhos de rocha maciça eram capazes de esmagar uma casa. O monstro soltou um rugido de pedra batendo contra pedra e começou a descer os degraus em direção a eles.

— Ele vai nos despedaçar! Ataques físicos não vão funcionar contra essa rocha! — gritou o inventor, recuando.

Kael desembainhou sua espada de aço bruto, observando o monstro avançar. Ele percebeu que as articulações do Golem éram feitas de runas de luz e engrenagens de metal antigo. Ele olhou para Maya e para o pai dela, e uma estratégia rápida se formou em sua mente.

— Maya, use sua agilidade para distraí-lo pelo lado esquerdo! Inventor, prepare a chave! Eu vou atacar o ponto fraco! — comandou ele.

Maya correu pelos degraus largos com uma velocidade impressionante, atirando pedras e fragmentos de metal para chamar a atenção do monstro. O Golem, lento porém

devastador, virou seu corpo pesado na direção dela, erguendo o punho de pedra para esmagá-la.

Esse era o momento. Kael correu pelas sombras projetadas nos degraus, pegou impulso na lateral da escadaria e saltou em direção às costas do monstro. Com um golpe preciso de sua espada, ele cravou a lâmina exatamente no vão da armadura de pedra, desativando a principal engrenagem rúnica que sustentava a perna do Golem.

O monstro cambaleou, rugindo de dor metálica, e caiu de joelhos nos degraus de pedra.

— Agora, pai! O portão! — gritou Maya.

Aproveitando que o monstro estava imobilizado temporariamente pela destruição de sua engrenagem, o inventor correu até o topo da escadaria, onde ficavam os portões colossais do Templo da Estrela Caída. No centro da tranca astrológica, ele encaixou o objeto cilíndrico de bronze — a Chave Estelar.

O velho girou os anéis com precisão milimétrica. *Clique. Clique.*

No instante em que o portão se abriu com um estrondo ruidoso, a energia azul que alimentava o Golem Protetor foi cortada, sugada de volta para dentro do templo. O monstro de pedra desmoronou instantaneamente, transformando-se em uma pilha de rochas inofensivas sobre a escadaria gigantesca.

Ofegante, Kael recolheu sua espada. Diante deles, os portões colossais revelavam uma fenda escura que levava às profundezas do templo. O Brasão da Imortalidade estava a poucos passos de distância.

CAPÍTULO 8

O Preço da Ganância

O ar dentro do santuário era frio e reverberava com uma energia ancestral. No centro da imensa câmara de pedra, flutuando sobre um altar de bronze, estava o Brasão da Imortalidade. O artefato brilhava com a pulsação suave de uma estrela cativa, iluminando a escuridão.

Kael deu um passo à frente, fascinado pela relíquia, mas o som de passos rápidos ecoou atrás deles.

Antes que Maya pudesse cruzar completamente a entrada do santuário, uma mão blindada surgiu das sombras e a puxou violentamente para trás. Um grupo de soldados reais, liderado pelo próprio capitão da guarda, havia usado uma rota secundária ou os seguido de perto pela escadaria.

— Um movimento em falso e ela morre! — rosnou o soldado, pressionando o fio de uma adaga contra o pescoço de Maya, fazendo Kael e o inventor congelarem no lugar.

Passos lentos e pesados ecoaram pelo salão. Da penumbra, surgiu a figura imponente do Rei de Baltemor. Ele estava visivelmente debilitado e consumido pela velhice, mas seus olhos brilhavam com uma obsessão doentia ao avistar o amuleto.

— Finalmente... — murmurou o Rei, ignorando completamente os jovens e caminhando direto para o altar. — O fim da minha fraqueza. O início do meu império eterno.

O inventor tentou dar um passo à frente, desesperado:

— Majestade, não toque! Há segredos sobre essa relíquia que os seus mapas nunca revelaram!

O Rei soltou uma risada ríspida e cínica. Com as mãos trêmulas pela ganância, ele ergueu os braços e arrancou o Brasão da Imortalidade de seu pedestal flutuante. No instante em que colocou o amuleto contra o peito, uma explosão de luz azul-celeste inundou toda a câmara.

O Rei foi erguido do chão por alguns centímetros, sentindo o poder correr por suas veias, mas o seu sorriso congelou rapidamente.

A luz rúnica que emanava do Brasão começou a endurecer a sua pele. O cinza da rocha subiu por suas pernas, cobriu seu manto real e se espalhou pelo seu peito. O Rei tentou gritar, mas sua garganta já havia se transformado em mineral maciço. Em poucos segundos, o soberano de Baltemor desabou de volta ao solo, transformado em uma estátua de pedra cinzenta e sem vida, com uma expressão de puro horror eternizada em seu rosto.

Os soldados recuaram, aterrorizados pelo destino de seu líder. Na distração, Maya desferiu uma cotovelada no estômago do guarda que a segurava, desvencilhando-se e correndo para o lado de Kael.

O silêncio retornou ao templo enquanto o Brasão da Imortalidade se soltava dos dedos de pedra do Rei, caindo suavemente no chão e deslizando até parar aos pés de Kael.

O inventor olhou para o artefato e depois para a estátua do monarca, compreendendo finalmente o enigma final.

— O mestre sabia... — murmurou o inventor, com a voz embargada. — A outra parte da lenda. O Brasão não dá a vida eterna a qualquer um. Apenas um homem puro de coração e digno é capaz de superar o poder da estrela. Qualquer um que tentar usá-lo por egoísmo, ganância ou tirania, é consumido por ele e transformado em pedra.

Kael olhou para o Brasão brilhando aos seus pés, depois para os soldados que agora recuavam de medo. A coroa de Baltemor havia caído, e o destino do artefato estava, finalmente, em suas mãos.

CAPÍTULO 9

O Rei Negro

O pânico se espalhou como fogo entre os soldados reais. Ao verem seu soberano transformado em rocha sem vida, o medo superou qualquer senso de dever. Eles largaram suas armas, deram as costas ao altar e saíram correndo desesperados pelas galerias do santuário, ecoando seus gritos de pavor escadaria abaixo.

O silêncio finalmente retornou ao Templo da Estrela Caída.

Kael olhou para o Brasão da Imortalidade brilhando no chão. Ele se agachou e, com as mãos firmes, pegou o artefato. Ao contrário do Rei, o amuleto não o consumiu; sua luz azul-celeste apenas pulsou de forma calorosa e serena, reconhecendo a pureza e a justiça em suas intenções. Ele caminhou até o altar de bronze e recolocou o Brasão em seu pedestal flutuante, onde a relíquia deveria permanecer protegida do mundo.

— Acabou — disse Maya, aproximando-se com um sorriso de alívio no rosto.

O grupo caminhou em direção à saída. Antes de cruzar os portões colossais, o inventor retirou a Chave Estelar do mecanismo central. Kael pegou o objeto de bronze, olhou para a escuridão do templo pela última vez e, com toda a sua força, arremessou a chave para o fundo do abismo sagrado. Os portões se fecharam pesadamente em seguida, lacrados para sempre. Ninguém mais seria capaz de entrar.

Semanas depois, o jovem ferreiro cruzou os portões de Baltemor, acompanhado por Maya e pelo inventor. A notícia da queda do tirano já havia se espalhado. Quando o povo viu o rapaz que havia desafiado o império retornar, a opressão deu lugar à esperança.

A multidão tomou as ruas. Gritos de alívio e aplausos ecoaram pelas paredes de pedra da cidade. Eles não viam apenas um sobrevivente; viam o herói que os havia

libertado da escuridão. Por aclamação popular, o jovem que havia começado sua jornada nas sombras da oficina foi coroado o novo governante.

Ele não usaria coroas de ouro ou mantos de tirania. Justo, protetor e moldado pelo silêncio, Kael governaria com sabedoria. A partir daquele dia, as lendas antigas se tornaram reais, e o mundo inteiro conheceria o seu título...

O Rei Negro.

F I M